

# Reis Velloso propõe ação em duas fases

**Ex-ministro sugere austeridade fiscal e monetária no início do próximo governo**

A única proposta ordenada para o caso brasileiro, apresentada na reunião preparatória do seminário internacional "A Hiperinflação e o Futuro da América Latina", organizado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, foi levada pelo ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso. O próximo governo, segundo Reis Velloso, deve dividir a sua atuação em duas etapas: a de reordenamento da economia, durante cerca de dois anos, a de retomada do crescimento, nos três anos seguintes. O seminário começa hoje com a participação do economista Jeffrey Sachs. Sachs, já amanhã, estará de viagem para a Polônia. "Vou ajudar a formar um grupo de trabalho para definir o que deve ser feito com a economia polonesa", disse ele ontem ao Estado, ainda em Harvard, pouco antes de embarcar para o Brasil.

De acordo com Reis Velloso, o governo deveria, na primeira fase de reordenamento da economia, adotar uma política de austeridade fiscal e monetária para evitar a hiperinflação e implantar reformas econômicas. Os ingredientes de um choque antiinflacionário seriam: 1) Ataque ao déficit público e controle monetário. 2) Realinhamento de preços, aí incluído um reajuste das tarifas públicas. 3) Um pacto nacional para se obter apoio da sociedade ao choque antiinflacionário e a uma política de rendas com negociação de reajustes periódicos de preços e salários. 4) Desmonta-

gem dos mecanismos automáticos de realimentação de preços e salários por prazos inferiores a um ano — isto é, desmontagem da indexação tal como existe hoje. A indexação poderia, numa primeira hipótese, ser eliminada de forma gradual, mediante um pacto nacional em que preços e salários seriam definidos de acordo com metas de expansão monetária e de inflação. Numa hipótese alternativa, a indexação seria instantaneamente eliminada e a expansão monetária fixada em torno de 2% ao mês.

Exceto a proposta de Reis Velloso, a grande atração do dia foi uma exposição do ex-ministro da Fazenda da Bolívia, Gonzalo Sanchez de Lozada sobre a experiência do seu país de combate à hiperinflação. A adoção de uma política de estilo neoliberal na Bolívia, segundo ele, não resultou de uma escolha ideológica, mas do fato de ser esse o único caminho naquele momento. O Estado estava tão enfraquecido — a receita tributária havia caído para apenas 1% do PIB — que dele não se podia esperar mais nada. Além disso, explicou, numa democracia em implantação o Estado teria de intervir minimamente e apenas de forma indireta na economia. O governo deve, segundo ele, realizar a tarefa de recuperação financeira do Estado, controlar a expansão da moeda e eventualmente atuar no mercado de câmbio. O governo boliviano iniciou seu programa de estabilização com apenas US\$ 1,5 milhão de reservas e, em três meses, já estava com US\$ 500 milhões.

Mais informações do seminário sobre a hiperinflação na página